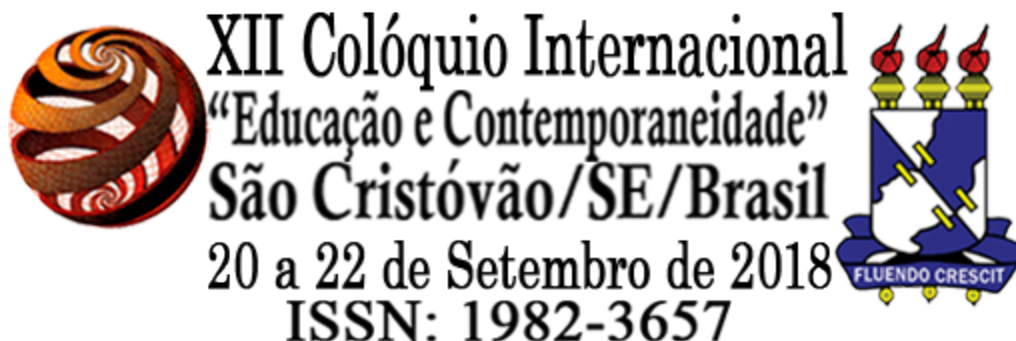




Recebido em:
05/08/2017
Aprovado em:
06/08/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

APONTAMENTOS SOBRE A ONTOLOGIA DO SER SOCIAL: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS DISCUSSÕES MARXIANAS/LUKÁSCIANAS

BRUNA MARIANA OLIVEIRA DOS SANTOS
SUELLEN EMILLY DOS SANTOS

EIXO: 6. ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

RESUMO

Este artigo é fruto de uma pesquisa realizada no âmbito do Programa de Educação Tutorial em Serviço Social (PET_SS) pela Universidade Federal de Sergipe. Tem por objetivo geral através da revisão de literatura trazer algumas considerações sobre os fundamentos ontológicos do trabalho e o processo de Revisão Curricular para o curso de Serviço Social brasileiro. O objeto deste artigo é apresentar algumas discussões por meio da revisão bibliográfica sobre o Materialismo Histórico dialético, a ontologia do Ser Social e consequentemente acerca da categoria trabalho. Como material bibliográfico foram utilizadas as principais contribuições dos autores marxistas que se debruçam sobre a temática, dentre os quais: Sergio Lessa, Ivo Tonet e Gyorgy Luckács. Por fim será assinalado a importância da discussão para formação profissional bem como a importância da pesquisa na formação acadêmica.

Palavras chave: Ontologia; Ser Social; Categoria Trabalho.

ABSTRACT

This article is the result of a research carried out within the framework of the Tutorial Education Program in Social Service (PET_SS) by the Federal University of Sergipe. It has as general objective through the literature review to bring some considerations on the ontological foundations of the work and the Curricular Revision process for the Brazilian Social Service course. The object of this article is to present some discussions through the bibliographical revision on Dialectical Historical Materialism, the Ontology of Social Being and consequently about the work category. As a bibliographical material, the main contributions of the Marxist authors that deal with the subject were used, among them: Sergio Lessa, Ivo Tonet and Gyorgy Luckács. Finally, the importance of the discussion for vocational training and the importance of research in academic training will be highlighted.

Keywords: Ontology; Being Social; Category Work.

I INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de uma pesquisa desenvolvida no Programa de Educação Tutorial Serviço Social (PET_SS) da Universidade Federal de Sergipe. Ao ser inserida no âmbito do programa, a pesquisa teve como justificativa a necessidade de discutir o eixo do trabalho inserido nas Diretrizes Curriculares do curso de Serviço Social. A referida

pesquisa teve dois anos de execução, norteados pelos seguintes planos de estudo: “A contribuição dos fundamentos ontológicos do trabalho em (Marx e Lukács) para o Serviço Social brasileiro”, e “A inserção dos pressupostos marxianos/lukacsianos nas Diretrizes Curriculares que norteiam a formação acadêmica de curso de Serviço Social atualmente.

Neste espaço, nos deteremos a discussão da constituição do ser social à partir da categoria trabalho, elemento central nas discussões apropriadas no interior do Serviço Social no contexto da formação profissional, além de algumas considerações iniciais sobre o método em Marx.

O método utilizado para análise e construção deste trabalho tem base imprescindível no materialismo histórico dialético. Como metodologia recorreremos a revisão bibliográfica de todos os conteúdos discutidos no decorrer da pesquisa, os quais destacamos: os escritos de Marx acerca da ontologia e da categoria trabalho, abordados também por Lukács.

II Apontamentos sobre o materialismo histórico dialético

Tomando por referência o exame feito por Karl Marx acerca dos fenômenos sociais, entendemos que aparência e essência são coisas totalmente distintas. A aparência é o primeiro ponto de contato com a realidade, Marx procurou um caminho epistemológico que conseguisse romper com essa aparência imediata dos acontecimentos sociais, já que, buscava demonstrar a dualidade da mera aparência: ao mesmo tempo revelada evidências da realidade, obscurece-a tendo em vista sua complexidade. Este foi o ponto de partida para a construção do seu método, que apesar de não ter dedicado-se a explicitá-lo amplamente, caracteriza-se como um verdadeiro divisor de águas para a compreensão ontológica da sociedade.

Para o autor em questão, a ruptura com a aparência leva necessariamente ao conhecimento da estrutura que é a verdadeira essência das coisas. Estabelecido estes pontos podemos compreender melhor a proposição do materialismo histórico dialético, sobretudo porque se a essência está por trás da aparência podemos interpretar que o homem destituído de mecanismos reveladores da realidade não conseguirá enxergá-la. Sendo assim, Marx (2013) conclui que o estado de consciência do homem é limitado, apesar de tê-lo, sua consciência esbarra no fato de que ela e a realidade das coisas estão separadas por ponto ontológico.

Compreendamos melhor esta relação. O que vem primeiro a existência ou a consciência, o real ou o ideal Para Marx (2013) a consciência não pode formar-se por si mesma, não pode ser sem conteúdo e o conteúdo é a realidade das coisas, sendo assim, em Marx, o homem antes de adquirir consciência possui existência como fonte produtora da consciência. Logo a essência das coisas não pode estar na consciência e sim na existência, sobre o agravante de que a consciência precisa romper com a aparência para chegar ao entendimento da existência.

Como a existência é elementar para a consciência, o autor compreendia que a única forma de se atingir um conhecimento verdadeiro da realidade seria por meio do estudo da existência material do homem uma vez que, antes do homem pensar ele possuía um corpo que necessariamente deveria existir para pensar. Ao postulado, de que a existência material do homem condiciona a sua consciência chamamos materialismo. Lembrando que a marca mais forte da existência material do homem é a necessidade de sua reprodução, o que, num processo contínuo modifica a história (citamos a importância do conceito de modo de produção e reprodução social para o estudo marxiano das relações de classe).

Mas se é fato que a existência condiciona a essência, também é fato que a existência se dá no tempo, o homem existe no tempo, assim a ideia de história deve se ligar ao pressuposto materialista de que a existência material condiciona a consciência do homem. Para exemplificar isto, referimo-nos aos modos de produção, no Manifesto Comunista Marx identifica na história a existência vários modos de produção distintos, a exemplo do asiático, do escravista, do feudal, e capitalista, mostrando que a forma de reprodução da vida material do homem se modifica na história.

Por fim, este homem que existe, que precisa reproduzir sua existência, que existe e reproduz sua existência material na história o faz dentro de um processo dialético. Isso porque Marx identificou que o movimento inerente a história é causada por uma lei dialética. A dialética, portanto, é o que dá o movimento a história, é o pressuposto básico de que

o movimento histórico ocorre em função da contradição da realidade, essa contradição enunciada pela afirmação e negação precisa encontrar um ponto de referência na negação da negação e esse é o movimento da história.

Voltamos agora ao início de nossa afirmação, se a consciência é alienada da realidade (leia-se existência, porque a existência material é a única realidade em termos) a lei da dialética é o que impulsiona a consciência a conseguir romper com essa alienação causada pela aparência. Como ela faz isso A partir da negação da negação.

Sendo assim, o materialismo histórico dialético é o método que analisa o homem e a sociedade em sua totalidade. A totalidade consiste no fato de que a existência material do homem é a única realidade, porém é uma realidade histórica e contraditória influenciada pela lei da dialética que lhe confere o movimento.

Tomando por base o método em Marx e sua forma de análise da totalidade, no próximo item serão discutidos alguns apontamentos sobre a ontologia do ser social, presuposto necessário para compreensão da categoria trabalho enquanto elemento fundante do ser social.

III Pressupostos marxianos/lukacsianos sobre a ontologia social

A única forma de observar essencialmente a reprodução social consiste na compreensão acerca do mundo dos homens, através da observação da vida humana em sociedade. Para tanto, é necessário que nos debruçemos sobre o tema, por meio de uma perspectiva da constituição ou mesmo dos fenômenos norteadores que possibilitaram a existência do ser social.

Deve-se entender que o homem, enquanto ser social, encontra-se em um estado relativamente recente, comparado com as demais esferas do ser (orgânico e inorgânico) que condicionaram sua existência. O desenvolvimento da consciência, que o torna diferente destas esferas, só teve lugar graças ao trabalho. Através dele foram lançadas as bases para uma nova forma de vida jamais vista desde o início dos tempos: a vida social. O homem genérico se tornou um ser social graças ao desenvolvimento do trabalho, fato ocorrido num momento predominante que o possibilitou se afastar de seus instintos animais para enfim tornar-se sujeito de suas próprias escolhas.

Para compreendermos a ontologia do ser social e sua reprodução dentro de uma totalidade histórico-social, é necessário entendermos a gênese de sua existência e as adaptações que possibilitaram a manutenção de sua vida. Tratam-se de metamorfoses que ocorreram ao longo de milênios, e, durante esse tempo, foram inúmeros os fenômenos naturais químicos e físicos que interferiram em sua constituição. Os homens são animais, e assim como demais animais, tem em sua constituição matéria orgânica e inorgânica, sendo portanto dependente direto dessas esferas.

O ser inorgânico, segundo Lessa (2007) não possui vida. Seu processo de transformação e evolução, nada mais é do que um movimento pelo qual algo se transforma em algo distinto. O ser inorgânico foi o primeiro nos primórdios da constituição de matéria no espaço terrestre, através de sua existência (e norteador por uma série de processos físico-químicos), é que foi possível o surgimento do ser orgânico-esfera biológica. A harmonia e interação entre esses dois tipos de seres (inorgânico e orgânico) é que possibilitou as bases biológicas do homem. Cabe destacar que somente através das constantes modificações e correlação entre as duas primeiras esferas, o homem pôde surgir, ficando clara a dependência ontológica do mesmo em relação às esferas anteriores. Para (LESSA, 2007, p. 25):

Tais momentos de diferenciação de modo a ser das três esferas ontológicas não devem velar, contudo, um outro fato fundamental. Apesar de distintas estão indissoluvelmente articuladas: sem a esfera inorgânica, não há vida e sem a vida não há ser social. Isto ocorre porque uma processualidade evolutiva que articula as três esferas entre si: do inorgânico surgiu a vida e, desta, o ser social. Essa processualidade evolutiva é responsável pelos traços de continuidade que articulam as três esferas entre si.

Lessa (2007) compreende que esta interação não anula o fato de serem ontologicamente distintos. Apesar de um ser possibilitar a formação do outro, houve um “salto ontológico” ou “momento predominante” que levou a constituição de

uma nova esfera á partir da anterior. O autor afirma que esse salto corresponde a um momento negativo de ruptura, quando o novo ser é gerado nega a esfera ontológica anterior. Não existem, entretanto, provas minuciosas de como esse salto aconteceu, apenas hipóteses que indicam as etapas de evolução de um tipo de esfera para a outra.

Semelhante ao processo anteriormente descrito, vemos o salto que ocorreu da vida meramente biológica ao ser social que somos. Este momento predominante aconteceu através de um processo de ruptura, mas também de continuidade. De maneira que, mesmo o homem torna-se um ser social ele jamais abandonaria sua matéria, constituída de elementos orgânicos e inorgânicos. Este salto implica uma mudança nas potencialidades humanas antes inativas e desconhecidas, isto implica que o homem começa a trabalhar, destaca-se aqui que para Lessa (2007) essa categoria é essencialmente e exclusivamente humana. Para o autor:

[...]há uma ruptura ontológica entre a reprodução social e a pro-cessualidade natural, ruptura cuja essência é a possibilidade de um ser-para-si no mundo dos homens impossível para a natureza. Por outro lado, a troca orgânica entre o gênero humano e a natureza im-plica a incessante transformação do mundo natural em um mundo social. Com intensidade e escala crescentes, a natureza passa por processos de objetivação que conferem à materialidade uma forma e um conteúdo puramente sociais, que apenas enquanto objetivações de prévias ideações poderiam surgir e se desenvolver. Contudo, de modo algum a gênese e o desenvolvimento da esfera ontológica representada pelo mundo dos homens implicam o desaparecimento da natureza enquanto uma esfera ontológica distinta do ser social, nem sequer como uma possibilidade, a mais remota. (LESSA, 2012, p.57)

O homem apesar de mediar seu metabolismo com a natureza - veremos mais claramente adiante- é dependente natural dela, por isso a existência de uma continuidade. O homem abandona seus instintos primitivos (apesar de manter sua base orgânica e inorgânica) quando começa a transformar a natureza. Graças ao trabalho, o homem tem a capacidade de tornar sua relação com a natureza cada vez mais mediada. Eles transformam constantemente a natureza que os cerca. O trabalho no mundo dos homens nunca se realiza de maneira instintiva, natural ou biologicamente programada, antes, acontece como fruto de algo pensado para atender uma série de necessidades construídas por ele mesmo. Por isso que, com o trabalho, o ser humano se autoconstrói.

Marx (2013) chamou de “processo de trabalho simples” esse movimento de metabolismo do homem com a natureza, o final desse processo é sempre o resultado de transformação da realidade. É por isso que existe uma substancial diferença entre o trabalho humano e a atividade realizada pelos animais. Nesse sentido, Marx em uma de suas mais conhecidas passagens afirma,

[...] pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção de favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o prior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto, idealmente. (MARX, 2013, p.213).

Ainda conforme Marx (2013), esses processos de trabalho simples contêm basicamente três elementos: a atividade voltada para um fim, seu objeto e seus meios de trabalho. Sem qualquer um desses elementos o trabalho não acontece. A atividade voltada para o fim é o próprio trabalho e o objeto de trabalho, é tudo aquilo que o homem desprende da natureza para realizar sua ação sem “filtrar”, no entanto se esse objeto passar por um trabalho anterior, é denominado de matéria-prima. Para melhor compreensão do que foi dito sobre este ultimo elemento, cabe citarmos claramente a abordagem dada pelo autor.

Toda matéria prima é objeto de trabalho, mas nem todo objeto de trabalho é matéria prima. O objeto de trabalho só é matéria-prima depois de ter experimentado modificação efetuada pelo trabalho. O meio de trabalho é uma coisa ou um complexo de coisas que o trabalhador insere entre si mesmo e o objeto de trabalho e lhe serve para dirigir sua atividade sobre o objeto. Ele utiliza propriedades mecânicas, físicas, químicas das coisas, para fazê-las atuarem como força sobre outras coisas de acordo com o fim que mira. A coisa de que o trabalhador se apossa imediatamente – executados meios de subsistência colhidos já prontos, tais como frutas, quando seus próprios membros servem de meio de trabalho- não é objeto de trabalho, mas meio de trabalho”. (MARX, 2013, p.213).

O meio de trabalho é caracterizado por utilizar propriedades físicas, mecânicas e químicas para transformar o objeto de acordo com o fim desejado, é um leque de instrumentos que o homem coloca entre ele e o elemento a ser construído.

O elemento fundamental para todo esse processo de trabalho é a previa-ideação. Previa ideação ou teleologia é parte fundamental do processo de trabalho, ela é a capacidade de o homem projetar em sua consciência as funções que deve realizar para alcançar seu objetivo final, mas a prévia ideação só se efetiva elencada a outras ações. Ela é sempre uma resposta a necessidades reais, concretas, quando objetivada produzirá sempre uma nova situação, necessidade, realidade, ou seja, uma nova história.

O processo de trabalho ocorre dentro de uma totalidade social onde apesar de ter agido teleologicamente o homem não pode prever como o acaso vai interferir no trabalho. Neste sentido, a causalidade é justamente a categoria responsável por explicar os condicionantes que podem interferir no processo de trabalho. Lessa (2007) aponta que,

[...] o caráter de totalidade do ser é importante porque permite divisar com clareza um momento fundamental de processualidade do trabalho: ao inserir na malha de relações e determinações pré-existentes. O objeto construído altera (ainda que minimamente), desencadeando nexos causais (ou seja, uma sequência de causa e efeito) que são, ao mesmo tempo, 1) perpassados por momentos de causalidades e, 2) na sua totalidade e no momento de previa-ideação, impossíveis de serem conhecidos por que ainda não aconteceram. (LESSA, 2007, p.39)

Dessa forma, o homem só pode realizar teleologia através de elementos materiais, isto é, não há possibilidade de projetar em sua mente algo que não está posto na realidade objetiva. As causalidades não podem ser previstas, pois, é um elemento que ultrapassa as condições de materialidade que o homem pode analisar.

É nesse contexto que emergem duas novas categorias outrora discutidas por Marx e Lukacs: a exteriorização e objetivação. Independente de objeto construído/moldado no processo de trabalho, sejam quais forem as necessidades que solicitaram esse objeto, o homem ao fazê-lo transformou seu mundo objetivo e também se transformou subjetivamente (objetivação). Isso quer dizer que ele passou por um processo de exteriorização, isto é, deixou a partir deste objeto construído, uma herança cultural aos demais homens. Estas duas categorias estão intimamente ligadas. Toda a transformação que foi anteriormente idealizada/projetada para o real, ao ser materializada em objetos concretos, possibilita mudanças no plano real: o que era pedra e madeira, pela ação do homem, agora é machado, nesta ação os homens modificam-se, tanto em suas particularidades, quanto no contexto social. Graças ao planejamento consciente, o homem age e transforma. Segundo Lessa (2007, p.38)

Ao ser levada à prática a prévia-ideação se materializa num objeto, se objetiva. O processo que articula a conversão do idealizado em objeto-sempre transformação de um setor da realidade- é denominado por Lukacs de objetivação. Pela objetivação “/.../ uma posição teleológica se realiza no âmbito do ser material como o nascimento de uma nova objetividade.

É importante salientar que a prévia- ideiação ou momento teleológico só é realmente prévia-ideação se vir para realidade, caso o objeto pensado não ultrapasse a esfera da consciência do sujeito pensante, não passará de um pensamento meramente abstrato.

Como já mencionado, a mudança (gestada no processo de trabalho) não se limita ao seu meio, ele transforma a si próprio. O homem a partir da objetivação também passa por um processo chamado de exteriorização. A exteriorização é que dá ao ser social seu caráter histórico. Novos conhecimentos levam a novas necessidades, ao final de cada objeto construído, quem o criou terá adquirido novos conhecimentos, novas necessidades, terá despertado potencialidades até então desconhecidas.

Para Lukács (2013), o processo de objetivação/exteriorização sempre se inicia a fim de atender uma demanda de um homem, mas após materializar-se no plano real, esse objeto criado passa a ser um patrimônio universal e instrumento socialmente necessitado por todos. Por isso que, apesar de um objeto construído trazer marcas do seu criador, não existe de modo alguma identidade entre o sujeito construtor e o objeto construído. A exteriorização é segundo Lessa (2007, p.39);

[...] momento do trabalho pelo qual a subjetividade, com seus conhecimentos e habilidades, é confrontada com a objetividade a ela externa, á causalidade, por meio deste confronto, pode não apenas verificar a validade do que conhece e de suas habilidades, como também pode desenvolver novos conhecimentos e habilidades que não possuía anteriormente. Em Lukács, portanto, a exteriorização é fundada pela distinção entre o sujeito e o objeto que vem a ser pela objetivação de uma previa-ideação. A exteriorização é o momento de transformação da subjetividade sempre associada ao processo de transformação da causalidade, a objetivação.

Isso nos mostra que todo trabalho está voltado para uma necessidade concreta, historicamente determinada, e que suas consequências objetivas e subjetivas não se limitam a produção do objeto imediato, mas se estendem pela humanidade. Os objetos criados se &39;&39;eternizam&39;&39; concretamente enquanto as finalidades que o seu criador tinha para o construir, acabam por serem esquecidas já que foram satisfeitas. Vemos dessa forma porque o trabalho é central. Ele origina todos os demais elementos que compõe o ser social através de uma dinâmica histórica que envolve passado, presente e futuro, segundo Lessa (2007), é isso que dá a dimensão social ao trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo panorama expostos, fomenta a reflexão acerca do trabalho enquanto um elemento mediador da relação homem-natureza, relação esta existente em qualquer núcleo que coexista a atividade social, independente do seu “avanço” civilizatório. Dessa forma, até nas sociedades ditas mais primitivas, o ser social, se reproduz por meio do trabalho. Entretanto, não restam dúvidas que com a evolução do homem e consequentemente da sociedade, o trabalho passa a ter uma conotação diferenciada (preservando o processo inicial outrora descrito por Marx).

Isso acontece pois ao longo da história os homens sofreram um processo reprodutivo, pelo qual aconteceu a complexificação da sociedade. Se antes o trabalho de caçar e coletar alimentos eram unicamente para sobrevivência, com a descoberta da agricultura e de novas técnicas para a caça, o homem passa a acumular e gerar lucro. Elementos fundamentais para a construção da propriedade privada e a exploração do homem pelo homem. Essa situação é condicionante para a estrutura da sociedade capitalista, na qual o trabalho é realizado pela classe trabalhadora e o lucro obtido é apropriado por uma classe dominante. Moldando assim, uma sociedade de classes e com interesses antagônicos.

Por fim, compreendemos que o processo de aproximação com as discussões realizadas acerca dos fundamentos ontológicos do trabalho em Marx e Lukács, representa uma sólida base teórica para o Serviço Social brasileiro. Os mapeamentos realizados sobre a categoria trabalho, possibilitaram aos envolvidos na pesquisa em questão, um amadurecimento intelectual acerca da categoria “trabalho” na concepção ontológica de Marx. A apropriação sobre o a ontologia do ser social, é fundamental para formação profissional, isto porque, nas Diretrizes Curriculares do curso de

Serviço Social esta categoria é elencada como um dos eixos principais para a compreensão da sociedade e os complexos que nela se movimentam. Ressaltamos ainda que a temática em questão está distante de ser esgotada. O proposto até aqui, tratou-se apenas de uma síntese de elementos que caracterizam as bases da compreensão profissional sobre o mundo dos homens. Desta forma, resta-nos fomentar esta discussão com fim último de ampliar, aprofundar, socializar e instigar o vasto conhecimento contido no bojo deste objeto.

REFERÊNCIAS

LESSA, S. **Para compreender a ontologia de Lukács**. 3. ed.: UNIJUI. São Paulo, 2007.

LESSA, S. **Mundo dos Homens: Trabalho e ser social**. 3. ed. Instituto Lukács. São Paulo, 2012.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2013.